

# TRIBUNA Livre

16  
ABRIL  
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

## Celebrações Henriquinas

### Do Finisterra ao Sacro Promontório

Os mouros estavam mas não ficariam na Espanha!

De Covadonga, *Santa Maria*, nome que a Cristandade peninsular opôs, como barreira intransponível, à invasão sarracena, onde uma primeira vitória cristã sobre a vertiginosa cavalaria árabe deixou tremeluzir um raio de esperança na longínqua libertação — a *Santa Maria de Belem* com que o Povo Lusitano marcou a consumação da sua epopeia dos «mares nunca navegados» vai uma distância de muitos séculos. Os povos cristãos sempre foram os mais useiros em assinalar por monumentos indelévels as suas grandes caminhadas de Fé e de Grandeza.

Entre estes dois padrões muito distantes outros muitos milários de avultada imponência histórica tinham de marcar as etapas a percorrer nas árduas caminhadas da Reconquista e Independência e na própria rota dos oceanos.

O recéssego moroso e lento da avalanche que inundou a Espanha chegou quase a estagnar entre a coragem e a hesitação, se teria que se suportar indefinidamente a presença e vizinhança, portas a dentro, de um inimigo intolerável.

Primeiro que aquela mola em V, que firmara seu vértice aquém dos Pirineus distendesse os seus ramos voltados para o mar Atlântico e se colocasse a geito de carregar na haste direita todo o potencial da Cavalaria Lusitana, reservada para a arrancada definitiva contra a mourama, foi uma longa expectativa (sec. VIII—XII) do suplicio cristão na Espanha; minúsculos reinos e condados, que a subdividiam, defrontavam-se contra a linha avançada do imenso poderio árabe que os flagelava a poder de constantes devastações e razias, quando não pactuavam em tréguas e vergonhosas alianças que muito comprometiam a suprema causa da liber-

tação da Espanha.

Uma vez, porém, que puderam deitar mão a este estado de coisas, e entre mil dificuldades em que se debateram de poder fazê-lo com a legítima autonomia e independência, os resolutos Varões Lusitanos, a obra caminhou desde aí a passos agigantados (sec. XII—XIV) não obstante mais larga distância a percorrer, muito maior o esforço a exercer entre duas frentes de resistência — a leonesa e a dos infieis. Mas então multiplicaram-se os *Viriatos* que de novo se desentranharam do coração das serranias da Lusitânia. Mais

Continua na 4.ª página

## O ALCOOLISMO

Se as graves doenças provocadas pelo uso e abuso das bebidas alcoólicas fossem apenas problema de carácter individual, talvez fosse admissível, embora não humano, dar ao doente a liberdade de se intoxicar até ao desenlace fatal, se com isso tivesse prazer e não prejudicasse o mundo.

Mas o alcoolismo é uma doença que ataca não somente o vicioso mas que estende a sua acção perniciosa através das gerações, visto dos males do alcoólico ser principal herdeiro o filho e até o neto. Hipotecando a saúde da família e da descendência, o alcoólico torna-se, por isso, não só o grande inimigo de si próprio, mas, na verdade, o grande perdulário que atenta contra o bem estar da colectividade, lesando-a na sua principal riqueza — a saúde pública.

Problema de alta transcendência social, deve ser combatido por todos os meios ao dispor da sociedade, sobretudo os do esclarecimento levado a todos pontos do país por uma sistemática, compreensiva e inteligente educação sanitária.

A família, a escola primária, o liceu, a universidade, a oficina, a fábrica o regimento, etc., eis os pontos onde a acção esclarecedora do higienista se deve fazer sentir, não apenas

## Uma coisa é saber e outra conhecer

Por António Maria Zorro

Depois de uma visita de oito dias às Províncias da Guiné e de Cabo Verde, regressou a Lisboa o Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte; as suas declarações à chegada foram a síntese de quantas outras proferiu no decorrer da viagem, quando as circunstâncias protocolares exigiam que discursasse ou quando o assediavam os microfones dos Rádio-Clubes locais. Dessas declarações, necessariamente repetidas, há uma que não pode deixar de registar-se; é esta:

—«Em toda a parte, tanto na Guiné como em Cabo Verde, encontramos nos Governos locais uma preocupação constante pelo bem estar do povo e pelo progresso das suas províncias. Servir, assim, sob as difíceis condições da vida africana, exige um grande espírito de missão».

Quem teve o prazer de acompanhar — em qualquer das províncias visitadas — o Embaixador Elbrick, quem com ele conversou no intervalo das recepções solenes ou no trajecto de uma terra para outra, sabe que as suas palavras significam algo mais do que um cumprimento diplomático: — são sinceras e espontâneas e traduzem o sentimento não só de Mr. Elbrick como o de Embaixatriz e o de todos os componentes da comitiva.

Velho amigo de Portugal, cuja língua fala correctamente, o representante dos Estados Unidos da América em Lisboa não tinha, é evidente, quaisquer prejuízos em relação aos territórios portugueses que foi agora visitar, até porque já conhecia «de visu» as grandes Províncias ultramarinas de Angola e de Moçambique; o conceito em que tem a unidade da Nação Portuguesa dispersa pelo mundo é um conceito exacto, o conceito de quem sabe que, onde quer que o português tenha chegado e ficado, aí chegou e ficou Portugal. Mesmo assim,

(Continua na 4.ª página)

## Tribuna Escolar

### Comunhão Pascal dos Estudantes dos Cursos Nocturnos da Escola Industrial e Comercial de Braga

No pretérito dia 10 do corrente, (Domingo de Ramos) realizou-se no Sameiro a Comunhão Pascal dos alunos nocturnos deste Estabelecimento de Ensino, por iniciativa da Conferência Vicentina da Escola.

Este acontecimento, que pela 1.ª vez unira junto do Altar da Virgem uma centena de alunos que lutando pela vida durante o dia, se sacrificam ao estudo durante as horas de repouso, ficará gravado na alma não só dos alunos, como dos dois distintos Professores que tiveram a gentileza de nos acompanhar: Srs. Doutor Pinto Ferreira, mui Digno Director do Curso Geral de Comércio e Rev. do P. e Ilário Veloso de Barros, professor de Religião e Moral nesta Escola e Director da Conferência.

Eram oito horas, quando em lídimo ambiente de alegria e camaradagem partiram da Praça em Braga, os carros eléctricos que conduziam os estudantes que, na sua alma

de crentes e num sorriso de confiança, tanto de rogos e agradecimento levavam à madrinha dos Estudantes.

Passavam agora, e a caminho do Bom Jesus, nos seus carros, os dois Distintos Professores, que a estudantada cumprimentava e calorosamente aclamava.

Surge além o Bom Jesus, essa pinha dum colorido encantador, com que a obra da natureza rivaliza com a do artífice, expressa nesse encantador labirinto que compõe essa majestática escadaria que aos nossos olhos se nos apresenta como que um caminho-ascensão para a Pátria Celeste.

O Elevador dá o arranco de partida. Redobra agora o entusiasmo da massa estudantil.

São almas jóvens que se elevam, e, nesta ascensão, vai a esperança da vida, a vida de quem sonha com os futuros temporal e eterno. São almas que cantam, corações

Continua na 4.ª página

## Falecimento e Funeral

### do sr. Manuel Tomé Gonçalves

Em sua casa de residência, sita do Largo do Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, faleceu às 13 horas do passado domingo o abastado proprietário e conceituado comerciante sr. Manuel Tomé Gonçalves, viuvo, de 87 anos de idade.

O falecido, muito estimado pelos seus dotes de trabalho e de exemplar chefe de família, era pai dos srs. Dr. Eduardo Gonçalves, Subdelegado de

Saúde e presidente da Comissão Concelhia da U. N., que se espera seja dentro de breves dias nomeado presidente da Câmara Municipal, Elísio António Gonçalves, proprietário, Dr. Tomé José Gonçalves, proprietário da farmácia «Martins», em Braga, e das senhoras D. Candida Gonçalves Leite, D. Maria de Jesus Gonçalves Macedo,

Continua na 4.ª página

# TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

## A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Ella por assegurar  
a sua tenção malina,  
diz que se a quiser levar  
àquella terra divina  
que se pretende embarcar.

Elle se espanta e entende  
que a molher o tempo passa,  
e que d'elle se defende,  
que é passatempo e graça,  
o que ella diz que pretende.

Porem, que se ella quiser  
e fizer matalotagem  
pera a viagem fazer,  
que não lh'hade defender  
pagando lhe sua passagem.

A dama alegre e risonha  
sem vergonha lhe dizia,  
que a si mesma se daria:  
porque quem perde a vergonha  
isto e muito mais faria.

No navio aonde entrar  
quem vai tam de monte a monte  
peccando sem descansar  
será a barca de Caronte  
que ao inferno vae parar?

Não houve outra embarcação  
aonde for corpo tam mau,  
se a nau tiver perdição,  
ninguem pergunta a razão  
por que se perdeu a nau.

A molher se resolveu  
em se querer embarcar,  
porem o mar não temeu;  
que mal temeria o mar  
quem nuenca temia a Deus?

Tem hum peccador indino  
hum haver que a terra teme  
chora, sospira e geme,  
e o mar treme de contino,  
e esta molher não treme.

Entra no profundo lago,  
governa o tempo Galerno,  
mas esta com mau governo,  
faz nas almas tanto estrago  
que as leva ao lago do inferno.

Quê fero e bravo inimigo  
he este ladrão de casa,  
que estas levam consigo  
que toda a nau se lhe abraza  
e nenhum vê seu perigo?

Todos se estão abrazando  
n'este fogo de monturo,  
torpe, sujo e miserando,  
e cada hum está seguro,  
comendo, rindo e folgando.

A causa do incendio triste  
em tudo quer consentir;  
a pobre gente que assiste  
pode ser que lhe resiste,  
mas não lhe pode fugir.

Quem d'esta arte marear  
pera se perder governa,  
e quem a si governar  
não se queixe se for dar  
nos baixos da pena eterna.

Se algum o seu fogo apaga  
por que a queimar se não venha,  
esta molher ou esta praga  
anda buscando mais lenha  
com que tudo cedo estraga.

Se esta infernal occasião  
na nau a trazem nas palmas,  
como não se perderão  
e mais perdição das almas  
que hê a maior perdição.

Se alguma fazenda traziam  
que perdel-a arreceavam  
pelo descuido em que andavam,  
mais a fazenda temiam  
que os peccados que causavam.

Eis aqui o caso horrendo  
que esta molher foi fazer  
logo na nau se metendo,  
por que vejam uma molher  
que males faz em querendo.

Diz que vae à terra santa  
beijar a Cruz celestial,  
que as almas ao ceu levanta,  
e ella he terra infernal,  
que ao ceu, terra e mar espanta.

Como has de chegar a ver  
a Cruz sagrada em que Deos  
por todos quis padecer,  
se nunca chegaste a ter  
hum pensamento nos céos?

Como podes ver aquella  
Cruz soberana e excellente,  
se tu no retrato della  
hua lagrima não deste  
àquella que morreu nella?

Vaso tão sujo e tão leve  
por leve Cruz não ha de olhar  
que o peso do mundo teve,  
e por sujo não chegar  
adonde a pureza esteve.

Olha onde põe a prôa  
essa miserável não,  
que se não der num calhão  
não pode ter viagem boa  
quem vae em estado tão máo.

Deita da alma uma corrente,  
e deixa a agua onde vás,  
que melhor viagem faz  
pellas lagrimas somente  
que pello mar donde jaz.

Levas um mar de peccados  
dentro n'esse coração,  
n'esse mar largo embarcados  
vae-te ao mar da confissão,  
onde serão perdoados.

Acude aqui a este mar,  
que se a este mar acodes  
tudo podes alijar,  
e se alijas quando podes  
podes em graça ficar.

Sabes que cousa tão rica  
é pôr os olhos no céu  
que o mesmo céu fortifica,  
que assim um peccador fica  
como à hora em que nasceu.

## Garrett de Corpo Inteiro

(Por António Maria Zorro — Creio ter sido António Sardinha o primeiro a abrir o processo de reintegração de Almeida Garrett no plano nacional que lhe era devido. Durante quase um século, o autor das «Viagens na Minha Terra» tinha sido monopolizado por determinadas escolas estéticas ou até políticas, tinha sido visto apenas por este ou aquele ângulo, com prejuízo da verdade histórica, da verdade literária e até da verdade humana. Assim se manteve durante muito tempo, mesmo depois de António Sardinha haver desvendado o integral nacionalismo que resulta de um balanço inteligente e honesto às atitudes e à obra de Almeida Garrett.

A reintegração completa de Garrett no plano nacional, a sua explicação e justificação ficaram-se devendo, porém, com caracter esperemos que definitivo, às comemorações do Centenário da sua morte, realizadas em 1954 e promovidas por uma comissão presidida pelo Dr. Júlio Dantas, comemorações essas cujo valor e cuja memória estão agora perpetuadas em espesso volume de meio milhar de páginas. Nesse livro se reuniram, além da evocação das principais cerimónias em louvor de Garrett, os discursos e as lições então proferidos e

que, na maioria, constituem preciosa colectânea de estudos garretianos, abrangendo e focando a multiformidade da obra e da vida do Poeta.

«Garrett, homem de estudo e orador parlamentar», pelo Dr. Júlio Dantas; «Garrett e o Romanceiro», pelo Prof. Luís de Pina; «Garrett e o Teatro Português», pelo Dr. Augusto de Castro; «Garrett», jornalista», por Acúrsio Pereira; «Garrett e a Diplomacia», pelo Prof. Paulo Cunha — e até da autoria do actual Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, «O Pensamento Religioso de Garrett». — eis uma súpula bem elucidativa do memorial das comemorações de 1954. Entre estas quinhentas e tantas páginas de apologia e crítica destacam-se as dedicadas pelo Prof. Marcelo Caetano ao estudo de Garrett Administrativista no Conselho Ultramarino e que são o fecho de abóbada na monumental obra de reconstituição da vida e do pensamento de Garrett; por elas se entrevê um Garrett movido por uma preocupação mais alta de que a literatura, a dramaturgia, a oratória, o romantismo nas letras ou nas atitudes — mais alta mesmo do que o seu elevado e puro sentimento de patriota, apaixonado pela paisagem e pelas tradições da

Continua na 4.ª página

## À MEMÓRIA

da minha finada Avòzinha

Num leito estendida, uma luz se definha!  
Vêlhinha, cansada, já foi alvorada  
A minha Avòzinha!

Já nem se recorda — os anos são tantos —  
Dos sonhos de fadas do alvorecer.  
Já nem sequer lembra os doces encantos  
Da quadra florida dos risos e cantos  
Da bela Mulher!

É luz que se apaga, saudade que tomba,  
Nas lides da vida é sol que findou!  
A santa vêlhinha, alvacenta Pomba.  
Agora da vida só lhe resta a sombra!  
Sol que desmaiou!

Quisera eu darte metade da vida,  
Da que já me deste, ó santa vêlhinha!  
Como era feliz vendo — A enriquecida  
Com a novidade de mim reflectida  
Na minha avòzinha!

Mas, não, não! É tardel Jesus escreveu  
A última página desta vêlhinha.  
A névoa da Morte sobre Ela desceu!  
Calou-se uma Estrela! Morreu, foi p'ró céu,  
A minha avòzinha!

Gota d'orvalho

Visado pela C. de Censura

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

### Deliberações da Câmara Municipal

#### Offícios

Do Eng. Director de Urbanização do Distrito de Braga, informando que foi elaborado o último auto de medição de trabalhos da obra construção da Ponte sobre o Rio Homem cujo valor orçamental dos trabalhos é de 8.185\$00.

Do Director Geral do Ensino Técnico Profissional, Lisboa, enviando uma compilação das normas que regulam a criação e funcionamento dos cursos complementares de aprendizagem agrícola, pedindo que lhe seja dada a maior publicidade neste concelho.

Da Delegação da Zona Norte do Instituto de Assistência Psiquiátrica, Porto, pedindo que esta Câmara empregue os seus bons officios junto das altas esferas governamentais no sentido daquele Instituto obter maior subsídio do Tesouro para o internamento de doentes mentais nos seus estabelecimentos hospitalares.

Do Subdelegado do Procurador da República do Julgado de Amares, pedindo material de limpeza para as cadeias civis.

Do Presidente da Junta de Freguesia de Rendufe, pedindo um sub-ídio da importância de 800\$00 para reparação do caminho público do lugar da Faia, daquela freguesia.

De Carlos Dunkel & Filhos, Lda, Porto, pedindo o envio de alguns recibos do Imposto de Prestação de Trabalhos que vão ser aplicados na máquina de endereçar ADDDESSOGRAPH a fim de ser verificado se estão bem ou se necessitam de modificações.

Do Hospital de São Marcos de Braga, comunicando o internamento dos doentes Avelino Pereira do Lago, de Dornelas, Arminda Gomes, de Rendufe.

Do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, remetendo a factura da importância de 6\$00 referente ao internamento de doentes a cargo desta Câmara no mês de Janeiro último.

Do Chefe da Secretaria desta Câmara, informando que por seu despacho de 11 de Fevereiro findo, anulou nos termos do Art.º 85.º do Código das Execuções Fiscais, o conhecimento de Imposto de Prestação de Trabalho de 1959 n.º 2124 da importância de 57\$00, referente a Manuel de Jesus de Sousa.

Da Junta Distrital de Braga, informando que a criação de serviços técnicos de obras daquela Junta, está em estudo.

Da Junta de Freguesia de Ferreiros, pedindo a colaboração de dois tubos de luz fluorescente nas extremidades da fachada principal da Igreja matriz, daquela freguesia.

Da Professora da Escola Mista de Amares, pedindo o fornecimento de tinta e giz.

Do Aferidor de pesos e medidas desta Câmara, pedindo o fornecimento de uma colecção de letras maiúsculas e minúsculas (M) e dois discos para o alicete selador também com a letra maiúscula e minúscula (M).

#### Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 14/60, L.º Z-1/2, L.º 25 A, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, em referência a certas dúvidas em alguns Corpos Administrativos acerca da responsabilidade municipal por encargos de assistência prestada a doentes mentais, informa o seguinte:

1.º O município é responsável pelos primeiros seis meses de internamento, quer sejam seguidos, quer interpelados, considerando-se para tal efeito, como internamento a licença de ensaio. 2.º Durante a licença de ensaios que sejam concedidos ao doente e se contenham dentro do prazo a que se refere a alínea anterior, a Câmara só é obrigada a satisfazer o custo de medicamentos que ao doente sejam ministrados; 3.º A responsabilidade municipal só se renova em relação a cada doente, se este voltar a ser internado depois de decorridos 3 anos, contados a partir da data em que lhe houver sido concedida alta.

Idem, idem, n.º 13/60, informando que a interpretação a dar ao segundo período do Art.º 5.º do Dec. 42466, de 22 de Agosto de 1959, sobre o emprego das cores encarnadas e verde na iluminação dos objectos de publicidade, foi superiormente esclarecida no sentido de que a restrição estabelecida diz respeito apenas às estradas referidas no Art.º 1.º do mencionado diploma, pelo que não é de aplicar nas vias públicas iluminadas dos aglomerados urbanos, desde que a iluminação daqueles objectos se confunda com os sinais.

(Continua no próximo número)

## Visita Pascal

Missa às 6 horas.

Saída às 7 horas. Início na casa do Sr. Pisão, com passagem pelo Bário até à casa da Sra. D. Maria Rodrigues inclusivé.

Seguidamente serão visitados os lugares do Pinheiro, Vasconcelos, Bornaria, Monte, Lage e rua Sá de Miranda, Corredoura, Vivirelos e Sertão, recolhendo a cruz na casa dos mordomos.

De tarde, os lugares da Igreja, Bário (parte não visitada de manhã) Casais, Além, Outeiro, Novo e Largo da Feira, começando junto à Escola Primária, pela zona norte, nascente, sul com recolha junto da mesma Escola, donde seguirá processionalmente para a Igreja.

## Nascimento

No passado dia 10 do corrente mês, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a srna. Maria Tomásia Martins, esposa do sr. António Almeida, empregado de "A Modelar".

Mãe e recém-nascido encontram-se bem.

## Palestra Agrícola

No intuito de cumprir a elevada missão do aumento de produtividade agrícola determinado pelo ilustre Secretário do Estado da agricultura sr. Engenheiro Quartim Graça, realizou-se no Urémio da Lavoura de Amares uma palestra feita pelo Engenheiro Agrónomo sr. Trigueiros, o qual dissertou sobre o cultivo dos milhos híbridos, e a maneira como essas sementes são reproduzidas e tratadas.

Ouvido com agrado pela numerosa assistência, o ilustre Agrónomo, esclareceu os assistentes das vantagens que oferecem esses milhos e demonstrou com rara inteligência que é o caminho a seguir para melhorar as condições de vida da lavoura e fomentar a riqueza agrícola da Nação. Está de parabéns S. Ex.º o Secretário do Estado da agricultura pela iniciativa louvável e pela escolha do palestrado.

Ao Grémio da Lavoura temos que pedir que outras palestras ou ensinamentos nos sejam dados com o mesmo interesse e agrado que teve a primeira para ver se à lavoura se prendem os braços de tantos filhos rebeldes pelas dificuldades que há a enfrentar.

Elísio Gonçalves

## Visado pela Censura

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Volto a escrever-te, mais cedo que de costume, afim de te dar notícias frescas.

### O Lausperene

Realizou-se no dia 11 e foi muito concorrido, tanto de noite, pelos homens, como de dia, pelas mulheres. Contudo, não farei mal dizer-te que não se confessaram nem comungaram bastantes pessoas. Se me perguntassem a razão, dir-te-ia que é a ignorância religiosa. A maioria dos homens e mu-

lheres de hoje (não sei se os antigos eram também assim...) só procura e sente os apetites corporais: comer, beber, ver, sentir... Nas coisas espirituais a inteligência dessa maioria não excede, em muito, a capacidade intelectual do cérebro da galinha!...

### O vício do jogo nos rapazes

Certa mãe de família queixou-se na minha presença de um rapaz seu familiar, porque não conseguira levá-lo a assistir às conferências que se realizaram na igreja de Lago, de 6 a 11 do corrente. Na noite de 9 para 10 o dito rapaz foi encontrado, com mais quatro, a jogar o «sete e meio», precisamente à luz da casa que a referida mãe de família me indicou como centro de perversão dos rapazes. Deixa-me dizer-te que não vi. Também não sei o que é o tal «sete e meio». Saberás tu? Eu perguntei a quem me contou a história e disseram-me que era um jogo de cartas a dinheiro. Contudo eu não sou polícia... Não me compete prender ou denunciar alguém.

Mas não posso esconder o meu espanto ao ver como certos pais e mães perdem a autoridade sobre os filhos e co-

Continua da 4.ª página

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje—a menina Carolina Arantes Rodrigues e a menina Julieta de Assunção Martins Dias.

Dia 17—o sr. Silvestre Ferreira—Rendufe.

Dia 18—o Sr. Gualdino Ramos.

Dia 19—o Sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena.

Dia 20—o Sr. Francisco Machado Duarte.

Dia 21—o sr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Dia 22—o sr. José António de Sousa Arantes Meneses.

### Mosteiro de Rendufe

Depois da derrocada da abóbada deste monumento Nacional verificada no dia 3 do corrente e que Deus permitiu que muitas vidas se poupassem porque horas antes o templo estava cheio de fieis à espera da saída da Procissão de Passos, chegaram vários artistas especializados que deram início às obras imediatas. Espera-se que a Igreja fique a oferecer a segurança indispensável para que as artes do culto se possam fazer e para que o monumento ofereça aos visitantes o encanto das suas linhas arquitectónicas.

C.

## HUMORISMO

### Entre Amigos

—Vês aquela senhora?

Vejo. Quem é?

—Não imaginas o muito que lhe devo.

É tua mãe?

—Não. É a minha senhoria.

### Não sabe ler

—Que tens, Amélia? Vejo-te tão triste!...

—Tenho razão para isso!

Perdi o meu cãosinho.

—Mas que penal! Por que não deitas um anúncio no jornal?

—É inútil. Ele não sabe ler...

## PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

## Uma coisa é saber e outra conhecer

(Continuação 1.ª da página)

mesmo tratando-se de um espírito perfeitamente esclarecido acerca das realidades ultramarinas, o Embaixador Elbrick ficou surpreendido com o que viu na Guiné e em Cabo Verde, tão surpreendido, afinal, como o ficaram os jornalistas que ainda não conheciam a Guiné nem Cabo Verde.

Uma coisa é saber, outra é conhecer. Saibamos todos que a Guiné Portuguesa não só se mantém na mais completa tranquilidade política como está até servindo de refúgio a muitos cidadãos da jovem e agitada República da Guiné; não conhecíamos, porém, a sensação de saborear essa tranquilidade—passando desarmados e sozinhos pelos caminhos do interior. Sabíamos todos—os diplomatas norte-americanos e o jornalista português—que o clima de Cabo Verde não era tão quente, tão doentio como no-lo diziam, a propósito do antigo presídio do Tarrafal; não sabíamos, porém, que esse clima fosse tão bom, tão saudável, tão primaveril, quase superior até ao da Ilha da Madeira. Sabíamos também que tanto a Guiné como Cabo Verde tinham fartos e ricos motivos de interesse etnográfico; nenhum de nós, porém, tinha ainda a visão inesquecível e maravilhosa da policromia exótica e estridente nem guardava na memória a doçura do falar e do viver crioulos, o melancólico solu-

çar dos violões na noite estrelada do Mindelo.

E mais: todos nós sabíamos que tanto o Governo da Guiné como o de Cabo Verde estavam entregues a dois homens de boa tempera ultramarina, de pulso firme e coração aberto; que na Guiné se desenvolve uma grande obra de assistência às populações indígenas e que em Cabo Verde se trava, desde há muito, uma desesperada batalha entre o homem e a natureza; não sabíamos, porém, que os dois Governadores fossem tão queridos das populações cujos destinos lhes estão entregues: que fosse tão enternecedora a obra de assistência às crianças da Guiné, que fossem de tão grande envergadura como o são as medidas em curso em Cabo Verde para enfrentar as consequências de uma estiagem que em algumas das ilhas já dura há quase dois anos.

Para quantos nela participaram foi bem valiosa esta primeira visita do Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte às terras da Guiné e de Cabo Verde. E se lhe chamamos *primeira* é só porque as impressões foram tão boas, tão agradáveis, que à despedida no aeroporto de S. Pedro do Mindelo, o casal Elbrick prometeu voltar. Voltar: nem outra coisa se pode desejar quando se deixa o Mindelo—cidade luso-tropical que é a mais perfeita amostra «do mundo que o português criou».

## Carta de Lago

(Continuação da 3.ª página)

mo certos homens arvorados em doutores lareiros permitem e encobrem o viciamento dos rapazes, permitindo o jugo a dinheiro, ou mesmo vendendo e alugando coisas a quem não possui nem ganha dinheiro para essas despesas inúteis. Não servirão para formar ladrões? Chagas sociais?

Eu entendo que sim. Mas não faltará alguém a dizer que não... Que dizes tu? Os que perdem a autoridade sobre os filhos, bem como os que permitem, de qualquer forma, a perversão da adolescência, não terão nas coisas do espírito cérebro de galinha? Ou será por maldade?

### O Mosteiro de Rendufe

Li na legenda das fotografias publicadas, a propósito da queda do teto da igreja daquele mosteiro, que a sagrada Família, a custódia, etc. ficaram por momentos irreconhecíveis, com o pó... Devo informar-te que os dois objectos mencionados não estavam na igreja, mas sim no arquivo paroquial, sob a guarda vigilante do Pároco.

A propósito levo ao teu conhecimento que andam dezenas de pessoas a remover os destroços resultantes do desabamento e que o culto da igreja de Rendufe está reduzido à capela-mor. Parece que vai ser promovido o desabamento da abóbada do transepto. Ao escrever-te isto baila-me no pensamento esta pergunta. Foram os padres, afinal, quem promoveram, orientaram e realizaram as grandes obras de arte que admiramos, por esse Portugal além. Por

## Celebrações Henriquinas

(Continuação da 1.ª página)

uma vez a força partiu das montanhas onde se desenvolve o tronco já cerne e multiscular da Lusitanidade.

Surgiram os aventureiros de Ourique e Val-de-Vez, de todas as campanhas guerreiras do Conquistador: *os Sousãos, os Braganços, os Alãos, os Ramirãos, os Correãos, os Gasmães, os Guedeãos, os Girões, os Fafes Sarrazins, os Godins, os Peireirãos e os Almeidãos*, com os *Lidadores, os Bravos, os Sem pavor* e os *Traga-mouros*, que só por estas eloquentes expressões lograram os velhos livros da Cavalaria heroica do sec. XII dar a perfeita ideia do que foram essas agigantadas estaturas dos Homens da dilatação das fronteiras cristãs e da fundação e consolidação de Portugal.

Também dessas velhas e maravilhosas crônicas transparecem já as proezas navais do autêntico *D. Fuas*, prototipo dos futuros cavaleiros dos oceanos que ajudaram o glorioso Infante Navegador a vencer monstros do Mar Tenebroso!

## Tribuna Escolar

(Continuação da 1.ª página)

que falam, vidas que lutam, e nesta tríplice oração, caminho agora, rumo ao Sameiro, monte acima, sob forma e a Direcção dos Dig. mos representantes da Escola Técnica, a nossa Querida peregrinação.

Todos os estudantes postam o seu devocionário litúrgico, pelo qual em côro, e durante o percurso recitam a «Hora de Prima», finda a qual se reza um mistério consagrado à Mãe de Deus. O restante percurso até à escadaria do Sameiro, é realizado em pleno Silêncio. Os peregrinos observam as suas consciências, preparam-se desde já para o grande acto da Comunhão.

Escadaria acima, a caravana reza. Implora à Virgem que do alto, escute os seus rogos. Pede pelo bom resultado dos seus estudos; pelos seus Professores; pelas suas famílias e por aqueles que não puderam tomar parte na peregrinação.

E sob um sol juvenil, caminha, a nossa juvenil caravana rumo à Madrinha, Padroeira e Mãe que, com um meigo sorriso nos aguarda lá

que motivo não poderão os padres, frades ou não, serem os encarregados da conservação dessas mesmas obras de arte?

Se em Rendufe o Pároco tivesse as mãos livres para conservar os restos do mosteiro, dar-se-ia o desabamento?

Sauda-te o amigo de sempre.

J. Moreira.

Lago, 13 de Abril de 1960

no alto, mais alto ainda, onde os nossos corações vivem momentos Celestiais.

Eis-nos no Sameiro. Eis-nos no ponto estratégico, no ponto—alvo da nossa jornada.

De todas as almas rompe uma prece, uma súplica, um desabafo. Em muitos corações paira a incerteza dos seus resultados escolares, aliada a tantos outros, reveste a sua vida.

É hora de falar com a Mãe, hora de felicidade e de jubilo.

São 10,15 h. A Santa Missa celebrada pelo Rev. P. Hilário, é dialogada por todos os estudantes, que tomam lugar, acompanhados do Sr. D. Pinto Ferreira, o centro das grades do Altar-Mor, exclusivamente reservado ao acto.

acompanhado de um grupo de colegas, formam o coro que entoa fervorosamente «Missa do Peregrino».

Surge o Momento da Comunhão, a hora de união com Cristo. Unidos, Professores e alunos, recebem entre cânticos o Pão Vivo, o alimento dos homens.

Finda a comunhão, o coro entoa o «Hino dos Três Joãos» bendizendo ao Senhor e a missa terminou ao som do Hino do Centenário Mariano.

No final deste acto, foi servido aos Snrs. Professores e alunos, no Restaurante Mãe o pequeno almoço, findo qual os Snrs. Dr. Pinto Ferreira e Rev. Pe. Hilário despediram dos alunos agradecendo a maneira correcta com que se haviam portado

Gota d'orvalho.

## FALECIMENTO E FUNERAL

### do sr. Manuel Tomé Gonçalves

Continuação da 1.ª página

D. Carma Gonçalves de Macedo, D. Madalena Gonçalves Rodrigues, e D. Elvira Gonçalves Dantas.

Era sogro das senhoras D. Aida da Piedade Antunes Gonçalves, D. Maria Josefina Mendes Gonçalves D. Delfina Mendes Gonçalves e dos Senhores José Gil de Macedo, José Gonçalves Leite, Joaquim José de Macedo, Domingos Rodrigues e José Dantas.

Deixa 39 netos e 23 bisnetos.

Desde há tempos que se encontrava de cama, tendo o seu estado piorado ultimamente de maneira a fazer prever o triste desenlace agora verificado.

O seu funeral realizou-se na passada terça-feira, às 9,30, para o cemitério desta localidade.

As magníficas qualidades do falecido e o justo prestígio de que goza a família enlutada, deram origem a uma grande manifestação de pesar. No préstito fúnebre incorporaram-se as associações religiosas do concelho e um piquete dos Bombeiros Voluntários,

além das direcções das nossas diferentes instituições. Dos concelhos vizinhos deslocaram-se pessoas da maior representação social a testemunharem o seu pesar à família enlutada, contando-se entre a correspondência recebida os pesames das mais representativas figuras do Distrito, além das muitas que se encontravam presentes.

Sufragando a alma do falecido a família ofereceu à Santa Casa da Misericórdia local a quantia de 900\$00 a qual já foi entregue à respectiva Mesa, gesto de generosidade a ter em conta e a louvar.

A toda a família, na qual encontramos os mais íntimos e sinceros amigos, apresentamos aqui as nossas mais sentidas condolências.

Também o sr. Dr. Guilherme Lopes, da casa de saúde de S. Lázaro, de Braga, ofereceu 100\$00 para a «Sopa dos Pobres» e a sociedade Horticola do Minho, 50\$00, para a mesma instituição.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da conceituada casa funerária, de Augusto do Sacramento Costa, da Feira Nova-Amares.

## ARMAZENS DA FEIRA

DE

Paulo Macedo & Irmão Lda

Largo Dr. Oliveira Salazar—Feira Nova—Amares

Tem o prazer de participar a toda a sua Ex. ma clientela, que receberam em óptimos preços, grande quantidade de modelos de sapatos, para homem e rapaz.

Aproveite V. Ex. a de verificar os nossos preços e o grande sortido de fazendas de lã, nylon, sedas, malas de viagem, chapéus, guarda-chuvas, casimiras para fato, enxaivas de baptizados, etc.

Grande lote de malhas ao desbarato

Grande lote de pano de lençóis em óptimos preços

Grande lote de vários tecidos em saldo

Passe pelos ARMAZENS DA FEIRA e veja a nova secção de cado e os revolucionários modelos e preços.

A Gerência Agradece

## Venda de Propriedades

Vende-se uma propriedade com 3 casas, na Ponte do Porto, Freguesia de Prozelos, situada junto à Estrada.

Produz vinho, milho, azeite e tem água de rega e mata

Informa por favor: José Macedo

FEIRA-NOVA

AMARES

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## MONOGRAFIA

### DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 66

(CONTINUAÇÃO)

concelos, por sua mulher D. Teresa Soares, neta dos Fafes como o era também dos Silvas, por alcunha os *Escachas* ou *Pernas* (por terem-nas arqueadas) instituidores do couto de Tibães, grandes cavaleiros. Era esta D. Teresa irmã do célebre arcebispo D. Estevão Soares da Silva, o eminente caudilho do clero e da nobreza, precisamente na defesa destes interesses e privilégios, que os soberanos começaram a combater pelo sistema das *Confirmações gerais* e das *Inquirições*, conforme em capítulo especial do 1.º vol. se relata.

Eles foram no entanto, sustentados com mão firme pelas classes suas detentoras, e os claros vestígios, tendo ultrapassado os séculos, afloram à superfície dos tempos mais modernos na própria escala hierárquica da mais recente orgânica paroquial.

Ao mesmo tempo e hora, que a propósito da igreja de Vilar e algumas outras igrejas e muitos casais terem sido do antigo padroado de Rendufe, se fez esta especial referência ao seu fundador (pois que são geralmente as tardes do domingo dedicadas à redacção destes trechos de história local) aconteceu que a abóbada do majestoso templo, que era o que restava da secularíssima casa religiosa, e desde 1596 servia de matriz paroquial, desabou em ruínas sobre ruínas que havia muito se esperavam da grande brecha longitudinal que cá de baixo se enxergava claramente em toda a extensão da pesada cobertura do corpo do edifício.

Dia a dia, cada vez mais ameaçava o chão do pavimento, repleto de sepulturas epigrafadas de antigos abades e benfeitores, à medida que perdia o equilíbrio aquela massa brutal de pedra, teijolo e cal que ao peso de sucessivos invernos, a que os telhados sem reparação deixaram livres os estragos, como a falta do resto do edifício, a nascente, em que as paredes laterais apesar da sua espessura se apoiavam. Bastava chegar o trágico momento que a ligeira arcadura da abóbada dobrasse sobre si mesma e a desgraça consumava-se. Tudo estava previsto.

Rendufe está sem a sua igreja paroquial que era a sua conveniência de presente — monumento demasiado grandioso para as suas limitadas possibilidades de conservação, quando foram os recursos de um grande distrito que lho puseram de pé, como se demonstra; mas a Nação também está defraudada. Onde o visitante podia consolar a vista, extasiar-se perante a grandeza da sua Religião e dos primores da Arte, pode agora fugir a um quadro de tristeza capaz de provocar-lhe as lágrimas!

De luto, está como Bouro e muitas outras terras onde há mais de cem anos se calaram os acordes melódicos ou estridentes do órgão gigantesco e os antifonários passaram a ser letra morta nos coros monacais, quando não roubados e estropeados por selvagens.

É justo e oportuno que se deduza a moralidade do acontecimento. A História vai fornecendo lições mestras para todos os casos e circunstâncias. Esta, com o quadro que deixa patente a quem tiver ocasião e coragem de presenciá-lo, deve ser a da forte comoção que se apodera de toda a alma naturalmente sensível, muito mais se dotada do verdadeiro senso patriótico.

As desgraças promovem sempre suas desencontradas recriminações. O caso de agora é mais um episódio subsequente de uma guerra de destruição já declarada e desencadeada no século passado. E, se ainda hoje se verificam algumas manifestações no reino da impiedade e da indiferença por estas irreparáveis glórias e preciosidades que levaram séculos a criar e erguer do nada, mas que não passam de simples aberrações sociais próprias de todo o tempo e de toda a época, que poderá dizer-se dessa nefasta era de devastação onde quase todos os indivíduos estiveram de comum acordo em apagar a memória do Passado?

Dezenas, senão centenas destas velhas casas monásticas foram condenadas à mesma sorte. Os que fizeram o velho Portugal e, antes dele, os que já tinham trabalhado para o mesmo fim, não souberam criar uma Pátria de outro modo que não fosse o de «dar o corpo ao manifesto» em campos de batalha contra a infidelidade e fundar conventos que foram a verdadeira escola de agricultores, de artistas e de letrados, de mesteiros e de missionários, dos grandes empreendimentos em que se empenharam a sério as Ordens religiosas para a maior grandeza da Nação.

Não era para aqui, mas, dada a triste eventualidade, merece que se passe em revista a succinta narração dos Livros das Linhagens que para o efeito de *saberem os ho-*

### Condições de Assinatura

Continente	
Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00
Ilhas	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco,—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Brasil	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

*mens fidalgos de Portugal de qual linhagem vem e de quais coutos, honras, mosteiros e igrejas som naturais, e per saberem como som parentes* fez escrever o Conde D. Pedro «filho do muy nobre rey dom Denis» e dessas notícias pode coligir-se o que foi a magna solicitude da Cavalaria de antanho:

D. Egas Pais de Penagate que fez Rendufe; D. Paio Amado que restaurou o de Santa Maria de Bouro; D. Paio Guterres que fez Tibães; D. Ourigo Velho da Nóbrega que fez o de Valdeu; D. Afonso 1.º de Portugal que fez o de S.to André de Gondomar da Terra de Nóbrega; D. Godinho Fafes que edificou o de Fonte Arcada e o coutou; D. Godinho Viegas que fez Vilar de Frades; D. Soeiro Guedes que fez o de S. Bento da Varzea; D. Mumadona que fundou o de Guimarães; D. Teresa Afonso o de Sarzedas; D. Damiana de Selhariz o de Lomar; D. Pedro Afonso de Durrães que fundou o de Manhente; D. Gonçalo Ovegues o de Cete; D. Vasco Nunes o de Bravães; D. Trocosendo Guedes de Baião o de Paço de Sousa; D. Paio Pais Caminhão o de S. Romão de Neiva; D. Toures Sarnão os de Vairão e Roris; D. Ero Mendes de Molles que fez o de Santa Ovaia; D. Sarrazino Osorez que fez o de Carvoeiro e lá jaz; D. Alboazar Ramires e sua mulher Helena Godins que fundaram o de S.to Tirso; D. Godinha Eris que fundou o de Freixo; D. Nuno Soares que fez o de Grijó; D. Arnaldo de Baião o de Arnoia de Basto; D. Afonso Ansemundes o de Refojos do Lima; D. Gomes Soeiro o de Refojos de Basto; D. Gomes Pires de Maceira o de Santa Maria de Souto de Guimarães estes e os demais que se fundaram só Entre-Minho e Douro no alvorecer da Nacionalidade e foram ponto de apoio para a dilatação das fronteiras e reorganização dos povos flagelados pelo domínio árabe que tentou quebrar todos os laços da sociedade cristã — ao fim de muitos séculos veio de novo ao de cima a força daquela mesma infidelidade que nunca se extinguiu de todo, antes conseguindo insinuar-se nas mais substanciais pregas da revolução social e aproveitando-se das lutas que a diminuíram e enfraqueceram, se então fosse possível, com a mesma facilidade que se lavrou com a pena dos propagandistas e legisladores a sentença de morte e extermínio de toda essa espécie de glórias e recordações do Passado, impressas nas frontarias de tantos conventos e mosteiros — se logo fosse possível apoiar uma alavanca que não deixasse pedra sobre pedra de todos estes velhos monumentos; de tudo quanto respirava os aromas da Religião, por certo já então ter-se-ia consumado a obra nefanda que se vai reedificando lentamente. E esses legisladores e arautos do inferno ter-se-iam constituído então e a seu modo numa sociedade ou país ideal de pedreiros livres e ateus — sociedade vazia do sentido que imprime a todos os povos crentes o verdadeiro carácter da imortalidade dos povos. Em vez do culto de Deus que os sustenta, erigir-se-iam monumentos a si próprios divinizando-se pelo sistema do retrocesso ao velho paganismo que esse é que foi a verdadeira razão da caducidade de todos os povos que viveram à margem das verdades eternas.

Não. Uma obra que levou séculos a construir, à custa do sacrifício de muitas gerações, não pode perder-se de todo como não se perdeu o recuperado sentimento religioso nacional. Sob os restos da abóbada do templo ou do céu azul que os rasgos abertos deixaram ver como a indicar que é preciso olhar e implorar mais alto, também não pode perder-se de todo a esperança de que a Providência há-de acudir a tempo de evitar-se a última calamidade — a da ruína total!

(Continua no próximo número)

### CURSO DE

## Defesa Civil do Território

Desde quinta feira que se está a realizar, no salão da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, um curso de Defesa Civil do Território, respeitante a postos de comando.

Ao acto inaugural presidiu o sr. Capitão Cunha Ribeiro, dos serviços distritais da D.C.T. que tinha a ladiá-lo o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, Capelão da Legião Portuguesa e João Barbosa de Macedo, Coman-

dante da mesma organização patriótica.

Perante a numerosa assistência o senhor Capitão Cunha Ribeiro falou sobre as atribuições e finalidades da D.C.T. acentuando a sua necessidade quer em tempos de paz como de guerra e do benefício que advem destes cursos.

Todas as noites, das 21 horas em diante, tem sido dadas as aulas sempre com muita frequência e os melhores resultados.

As provas finais serão na próxima semana seguindo-se outros cursos a-fim de completar os serviços da D.C.T. no nosso concelho.



2.ª Publicação

### Secretaria Judicial de Vila Verde ANÚNCIO

No dia 23 do próximo mês de Abril, às 10 horas, no Tribunal desta comarca, na execução sumária que o exequente Amador Diz Amaro, casado, comerciante, residente no lugar do Outeiro, freguesia de Vilar, desta comarca, move contra os executados José Trindade dos Santos e mulher Isabel da Conceição Nogueira da Costa Trindade dos Santos, proprietários, residentes na Avenida Presidente Carmona, Caixa Postal n.º 419—Benguela—Angola, que corre pela Secretaria Judicial desta comarca, não-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor a que adiante se indica, os seguintes prédios penhorados àqueles executados

1.º—Campo de Lordelo, sito nos limites dos lugares de Outeiro e Saim, da freguesia de Vilar. Vai à praça com o valor, de 4.350\$00.

2.º—Uma morada de casas de altos e baixos, rocio, lata-da e mais pertenças, sita no lugar do Outeiro, freguesia de Vilar. Vai à praça com o valor de 1.080\$00.

3.º—Horta do Ribeirinho, sita no mesmo lugar e freguesia. Vai à praça com o valor de 390\$00.

4.º—Leiras do Ribeirinho, sitas no mesmo lugar e freguesia. Vão à praça com o valor de 1.590\$00.

5.º—Horta e Olival de Trás do Vergado, sita no lugar do Outeiro, Freguesia de Vilar. Vai à praça com o valor de 1.320\$00.

Vila Verde, 28 de Março de 1960.

O Chefe da Secção  
Mário Mendes Galinha  
Verifiquei  
O Juiz de Direito  
Manuel Alves Peixoto

# CICLISMO

## Os «Leões da Modelar»

conquistam a sua 1.ª taça esta época

Deslocou-se a Leixões no passado domingo a equipa de ciclismo representativa dos Leões da Modelar para disputar o circuito que ali se realizava.

Em ambiente muito animado e perante numeroso público, compareceram á chamada 80 ciclistas representando vários clubes.

No meio de uma mancha multicolor de camisolas, estavam 4 verde-brancas com A Modelar-Amarelos em letras bem visíveis.

O apuramento era feito por 3 eliminatórias sendo diputada uma finalíssima com os primeiros oito de cada.

Á partida para a primeira, alinhou o nosso representante João Borralho, que havia de terminar em 7.º lugar, conseguindo após tenaz luta ficar apurado para a final.

A segunda foi a prova mais bem disputada, não dando os corredores tréguas nem se poupando a esforços para conseguir o seu apuramento.

O nosso ciclista José Azevedo, após ter acompanhado até á 10 volta os seus adversários, arrancou irresistivelmente cortando a meta em 1.º lugar muito distanciado dos seus mais diversos competidores.

Com dois apurados para a fase final e para que a nossa representação formasse uma equipa, era necessário que na 3.ª eliminatória um dos nossos ficasse entre os 1.ºs oito e assim aconteceu.

Sebastião Mendes, quem foi confiada esta espinhosa tarefa seria o 2.º classificado

e por tanto o nosso 3.º homem para a finalíssima.

Num percurso com 20 voltas e como é lógico alinharam para uma final que se adivinhava emocionante 24 corredores.

Após luta emocionante e entre fortes aplausos da numerosa assistência os nossos corredores cortaram a meta pela seguinte ordem:

2.º—Sebastião Mendes.

4.º—José Azevedo.

20.º—João Borralho.

Classificação esta que lhe permitiu conquistar a 2.ª taça por equipas.

Se não conquistaram o 1.º lugar por equipas foi porque o nosso 3.º corredor João Borralho a poucas voltas do fim quando ia bem classificado, caiu ficando em precárias condições físicas para aguentar o andamento da prova tão dura.

Se as coisas correrem no normal tudo indica que a nossa terra este ano terá uma boa representação de populares.

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia

Assine

Publique

«Tribuna Livre»

## Garrete de corpo inteiro

Continuação da 2.ª página

terra em que nasceu, movido em suma pela preocupação ultramarina, pelo sentido transmarino e civilizador, que dá ao Português a sua dimensão exacta.

Desde 1837—revela o Prof. Marcelo Caetano — que Almeida Garrett ligara o seu nome e a sua fulgurante inteligência á causa do Ultramar; nos dois últimos anos da sua vida a actividade por ele dispendia no Conselho do Ultramar impõe-no como sendo, afinal, um precursor do melhor administrativismo ultramarino. Como foi possível que assim acontecesse, como foi possível que o cantor das plácidas belezas do Vale de Santarém, o ex-soldado do liberalismo, o mais romântico dos elegantes e o mais elegante dos românticos, tivesse compreendido e sentido tão nitidamente o apelo de um mundo ignorado, a que a sociedade do seu tempo chamava, depreciativamente, «a costa de África»?

«Foi possível — esclarece Marcelo Caetano — porque a inteligência dotada de imaginação faz com frequência esse milagre...»

O milagre chama-se génio e, neste caso, génio lusíada.

Protótipo de génio lusíada, assim nos é revelado Garrett nas páginas comemorativas do primeiro centenário da sua morte, sobretudo nas páginas assinadas pelo actual Reitor da Universidade de Lisboa, que na sua juventude aprendeu por certo com António Sardinha a descobrir o verdadeiro Almeida Garrett de corpo inteiro e de alma inteira — um Garrett inteiramente português, um Garrett que, se fosse vivo, não can-

## Lavador Mecânico de ovos com Aquecedor

Uma nova máquina de lavar ovos recentemente apresentada no Reino Unido vem resolver o problema da lavagem manual que tantos danos causava aos ovos.

Trata-se dum vibrador electro-magnético com a frequência de 25 vibrações por segundo, as quais fazem os ovos deslizar sem baterem uns contra os outros, como sucedia com anteriores métodos de limpeza mecânica. A unidade tem a forma dum balde alto tendo um aquecedor de imersão provido dum elemento de 400 váti. O aquecedor regulado por um termostato mantém a água á temperatura de 32 a 33 graus centígrados que é a temperatura ideal para a limpeza húmida de ovos. Ainda que esta temperatura possa ser re-

taria hoje o Vale de Santarém, mas os vales verdejantes da Cela ou do Limpopo.

ANI.

gulada e mantida, a máquina deliberadamente, não foi feita para aquecer a água fria, pois isto assegura não se poder reaquecer e usar a mesma água suja, vezes consecutivas.

Uma cesta coberta a plástico, moldada para entrar no balde, comporta 8 a 10 dúzias de ovos que se lavam em 8 a 10 minutos.

O consumo eléctrico é o duma lâmpada de 100 váti sendo portanto, uma forma económica e segura de lavar ovos para o mercado e para serem chocados em incubadoras ou debaixo das aves.

O mesmo fabricante apresenta um preparado, que pode, também ser usado em todas as formas de lavagem húmida. Contendo um agente bactericida deposita sobre o ovo uma tênue camada desinfectante inodora e incolor que protegerá o ovo contra a invasão de bactérias. É preciso, porém, não esfregar os ovos depois de lavados.

## Sê Bendita

Bendita sejas tu que me prendeste  
Sob um sorriso a difundir esp'rança  
Bendita sejas, Iris de bonança  
Que o meu "bambino", sonho acolhestel

Bendita sejas, morte desta vida  
Que vive porque vives, meu amor!  
Que sonha, porque sente o teu calor,  
Qu'espera no teu seio achar guaridal

Ó 'spelho duma vida radiosa  
Por quem meu coração sonha e palpita,  
Ó minfa terna, suave, maviosa!

Cubra-te o Céu co' a graça infinital  
E já que tão pura, tão formosa,  
Mil vezes, oh mil vezes sê bendital

Gota d' orvalho

## Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

— do falecimento de D. Luís Carlos Machado de Mendonça, sepultado, em 5 de Outubro de 1736, no seu jazigo e capela que tinha na igreja de S. Francisco de Xabregas; e a certidão é do pároco de S.to André, onde se lhe abriu o assento.

—do falecimento de Félix José Machado de Mendonça, avô paterno do D. Jorge Francisco, na freg. de S.to André, em 15 de Julho de 1731. Jaz em S. Francisco de Xabregas.

—do baptismo de D. Inês Antónia de Horosco e Mendonça, filha do D. Jorge Francisco, no Oratório da casa de S.to André, em 6 de Dezembro de 1761. Nasceu a 29 de Novembro do dito ano.

—dos baptismos de D. Francisco António Machado e de D. António Maria Miguel Machado de Men.ça, filhos de D. Jorge Francisco, nascidos em Viana do Minho, o 1.º em 2 de Junho de 1755 e baptizado na igreja matriz em 13 do mesmo mês e ano. O 2.º nasceu a 8 de Maio de 1757 e foi baptizado em casa a 12 de Junho do dito ano.

—do baptismo de D. Félix José Machado de Mendonça, filho de D. António Félix, na igreja de S. Justa de Lisboa, em 7 de Abril de 1677.

—do baptismo de D. Henrique Henriques, 2.º avô de D. Jorge Francisco, na igreja do Salvador da vila de Alcáçovas, em 29 de Setembro de 1601.

—do baptismo de D. Madalena Luzia de Bourbon, avó materna do D. Jorge, filha dos condes de Avintes, na igreja de S.ta Engracia, a 3 de Janeiro de 1672.

—do baptismo de D. Maria Antónia de Noronha, condessa de Avintes, filha dos condes dos Arcos, 2.ª avó do D. Jorge, na igreja da freg. do Salvador da cid. de Lisboa, em 4 de Abril de 1648.

—do baptismo de D. Eufrásia Maria de Menezes, avó paterna

do D. Jorge, filha de D. Luís da Silveira, governador do castelo de Viana, e de sua m.er D. Luísa Bernarda de Menezes. Nasceu a 19 de Maio de 1668 e foi baptizada na igr.a de N. S.ª de Monserrate da vila de Viana a 30 do dito mês e ano.

—do baptismo de D. João Inocência Francisco Machado, filho do D. Jorge e de sua m.er D. Luísa Antónia de Saldanha, na freg. de S.to André de Lx. no oratório da casa, em 3 de Agosto de 1759. Nasceu em 28 de Julho do dito ano.

—do baptismo de D. Luís Francisco Machado, filho do D. Jorge, em casa do Ex.mo Principal asconcelos, às Janelas Verdes, freg. de Santos, em 19 de Junho de 1758. Nasceu a 30 de Março do mesmo ano.

—do falecimento de D. Maria Pais da Cunha, m.er que foi de Baltasar Roiz da Cunha, na fre. de Travancinha da vila do Casal, bispado de Coimbra, 5.ª avó do D. Jorge. Sem data.

—do recebimento do marquês D. António Félix com D. Luísa Maria de Mendonça, na igr.a de N.S.ª da Pena de Lx., em 2 de Dezembro de 1675.

—do baptismo de D. Luísa Antónia de Távora, filha de D. Diogo de Menezes e de D. Maria de Oliveira, avó paterna de D. Luísa Antónia de Saldanha, na igr.a de S.ta Catarina de Lx., em 9 de Maio de 1653.

—do baptismo de Bernardino de Távora Vasconcelos e Sousa, filho de Luís de Vasconcelos Sousa Câmara e Ferreira, conde de Castelo Melhor, e de sua m.er D. Joana Caminha Guiomar Maria de Távora e S.sa, avó materna da sobredita D. Luísa. Foi baptizada na freg. de S. Julião de Lx. S/ data do bap.mo cujo assento foi reformado em 16 de Setembro de 1761.

—do baptismo de D. Maria Madalena de Portugal e Gama, filha de D. Luís de Portugal e de D. Inês da Silva, avós maternos da sobredita D. Luísa Antónia de Saldanha, na igr.a de N.S.ª da Assunção do castelo da vila de Almada, em 23 de Jan. de 1678.

—do falecimento de D. António de Saldanha e Oliveira. Foi sepultado na capela-mór do convento de S. Domingos da vila de

(CONTINUA)